

DO LIVRO OUTRO DE SANTIAGO VILLELA MARQUES

Mesmo outro	Autografia
Inda é o mesmo o mundo, eu outro. Entre os dois o mesmo escuro Véu de noite em brancos sonhos Do outro rosto sob o couro. Inda é a mesma a vida, eu outro. E entre os dois uma incontida Sina de noite e de sono. Mão assassina e ferida, Vivo da luz que me roubo. Inda é o mesmo o amor, eu outro, Não transpondo nisso a dor Do vazio de mim ao outro: Sempre em novo a recompor O ser – o outro é o mesmo, eu outro.	Gosto de me escrever em palavras sem rosto, Como a íngreme palavra árvore, toda caule e abraço, e exhibir o céu nas mãos. Como a palavra chão, que, de tão pesada, cai leve e doce e pisa todas as dúvidas. Como a palavra noite -que soa como se não fosse- ou pássaro – sábio de que a verdade tem asas e no que se afasta é que sou menos falso. Sobretudo o que pouco aprendo é o meu próprio nome alimento de outros lábios impronunciável em minha língua exígua. Sou um homem e se o digo pressinto o ruído infinito que o signo esconde Por isso prefiro me definir no vento e escavar abismos.
Crime hediondo	
Poesia é quando o mundo estupra a palavra.	

	<p>Quando me esqueço é que mais me compreendo. e sou melhor se me descubro impossível.</p>
--	--